

NÃO NEGO MINHA HISTÓRIA: SOU PARAÍBA, SIM SENHOR!

Janielly Souza dos Santos¹

Resumo: O presente artigo é fruto de um projeto, pensado e realizado, em uma escola estadual do município de Campina Grande – PB, a partir de práticas educativas efetivadas por docentes e discentes que compõem essa comunidade escolar. Tendo como objetivo principal refletir a História Local, especificamente a História da Paraíba, fizemos usos das sensibilidades para compor metodologias que estimulassem os alunos a conhecerem sua História. A confecção de materiais pedagógicos pelos discentes foi uma etapa primordial do nosso projeto, bem como, a busca da leitura e discussão de autores paraibanos que procuraram pensar e fazer a História da Paraíba. A pesquisa se configurou em um caminho essencial para todos aqueles que participaram do projeto.

Palavras-chave: História da Paraíba, História Local, Práticas Educativas.

Abstract: This current article is a result of a project intended to be implemented in a state school of Campina Grande-PB, from educational practices done by teachers and students that set the mentioned school. This work aims to reflect on local history, especially the Paraíba history, so we use the sensitivity in order to make the methodologies that encourage the students to know their own history. The selection of pedagogical materials by the students was an important stage for our project, as well as the reading and argument about authors of the Paraíba state that seek to reflect on the Paraíba history and its formation. This research set a essential direction for every participant.

Keywords: Paraíba History, Local History, Pedagogic Practices.

1. Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, especialista em História do Brasil e da Paraíba pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP, mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Atualmente professora da rede pública de ensino do Estado da Paraíba. E-mail: janiellysouza@yahoo.com.br.

Quando aprovada no concurso público para docentes do Estado da Paraíba em 2013, depois de tomada posse e designada para trabalhar na EEEF Reitor Edvaldo do Ó fui conhecê-la. Quando cheguei à escola fiquei apreensiva e pensei "Meu Deus, o que estou fazendo aqui?". Como não morava em Campina Grande, e não conhecia o espaço e o público para o qual iria lecionar, no início fui amedrontada por algumas pessoas com referência ao espaço de localização e parte da clientela da escola.

Assim como não devemos julgar o livro pela capa, aos poucos fui percebendo que esse medo não fazia sentido, e que estes alunos necessitavam de pessoas que acreditassem em seus potenciais. Foi a partir disso que, durante o transcorrer do ano letivo de 2013, procurei desenvolver projetos com as turmas as quais leciono. Este que vos apresento foi um deles.

O projeto *Não nego minha história: Sou Paraíba, sim senhor!* foi desenvolvido com a turma do 8º ano A do turno da manhã, visando fazer com que os alunos refletissem a construção histórica e cultural do espaço onde habitam, a Paraíba. Nesta perspectiva, é interessante perceber que quando os alunos lidam com situações-problemas do seu cotidiano, há uma maior capacidade de envolvimento e interação.

Durante a efetivação do projeto, procuramos contar com o apoio da comunidade escolar, em especial de docentes de outras disciplinas, com o objetivo de colocar em cena a prática da interdisciplinaridade. Além disso, a proposta de envolver os alunos, de tal maneira que suas potencialidades de pesquisa, estudo, formas de expressões, fossem efetivadas, se colocou como ação primordial.

Partindo do princípio que a história deve fazer uso de questões cotidianas para problematizar situações-problemas do passado e/ou do presente, este projeto é justificável. Num primeiro momento é relevante pensar que o estudo da história local possibilita a nossos educandos se sentirem sujeitos participantes e integrantes da história, tornando a disciplina de história mais acessível, e não como um bicho de sete cabeças, que não faz parte da realidade social, cultural e educacional destes sujeitos.

Durante muito tempo, desde meados do século XIX, o ensino de história foi trabalhado na escola a partir de um espaço e de um tempo longínquo, distante da realidade dos alunos. Apesar desta perspectiva ainda ser presente em determinadas aulas de história, a cada dia a procura por transformar essa realidade é grande. Neste contexto, CAIMI (2010, p. 60) aponta para a necessidade de:

[...] superar o verbalismo das aulas de história circunscritas apenas a temporalidades remotas, a espaços distantes e a determinadas memórias com as quais a maioria dos estudantes que frequenta a escola brasileira não se identifica e nas quais não reconhece as suas experiências, tampouco as de seu grupo de pertença.

Neste sentido, quando nos propusemos a pensar a história e as práticas culturais da Paraíba, colocamos nossos alunos diante de uma realidade mais presente em seu dia a dia. Deste modo, quando eles se colocaram na pesquisa de conhecimentos que não possuíam sobre o tema, a curiosidade pôde ser aguçada, favorecendo a produção de conhecimentos sobre o espaço vivencial e, conseqüentemente, sobre a história.

Além disso, os educandos puderam, durante a efetivação do trabalho, pensar sua relação de pertença ao Estado em que vivem, além de apreciarem com mais cuidado a cidade que habitam, e ainda conhecerem outros lugares da Paraíba. Nisso, ainda puderam perceber que práticas culturais presentes em seu cotidiano têm história, que pode estar relacionada à história do lugar onde residem. Nisso, observamos com BITTENCOURT (2009, p.168) que:

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer –, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente.

58

Neste âmbito, quando dispusemos de um conteúdo que se fazia presente na realidade do aluno, este pode usá-lo de forma mais prazerosa favorecendo seu sucesso escolar, bem como, sua permanência na escola. Trabalhar com projetos é observar, através da temática proposta, educandos participando coletivamente, adotando atitudes reflexivas diante de situações encontradas no decorrer da caminhada, e demonstrando seus múltiplos talentos.

Diante destas considerações, o projeto discutido aqui propôs a descoberta de conhecimentos e de talentos, muitas vezes sucumbidos ao anonimato. Da mesma forma que um agricultor/jardineiro busca, e tem esperança, que ao cultivar um pomar, árvores deem frutos suculentos e saborosos, também esperamos, ao pensar este projeto, pela beleza das cores, dos cheiros, dos sabores, deliciar-nos diante dos frutos colhidos.

Mas como surgiu a problemática do projeto? De um debate em sala de aula, quando estávamos refletindo formas de preconceito para com os sujeitos que habitam a região nordeste. Em especial os paraibanos são acometidos por este tipo de preconceito, no momento em que o termo *paraíba* é usado para nomear os habitantes da região nordeste, muitas vezes, como formar de denegrir a imagem do sujeito e da Paraíba.

Neste campo de ação, foi pensado que a partir do instante que nossos alunos conhecessem melhor a Paraíba, poderiam valorizar mais o seu Estado, além de divulgar

suas belezas históricas e culturais para aqueles que não o conhecessem. A partir deste momento, estes sujeitos não se sentiriam constrangidos diante do termo, e do preconceito, muito pelo contrário, saberiam lidar com eles.

Ao invés de baixarem a cabeça diante do argumento de ser um povo atrasado, rude, perdido no tempo, saberiam portar-se através do diálogo, possibilitando fazer com que o outro reflita que este argumento não tem nenhum fundamento plausível nos dias atuais, e que atrasada é a mentalidade daqueles que pensam desta maneira. Diante da falta de conhecimento sobre a História da Paraíba, bem como, das belezas que ela possui, nos propomos ao não negar nossa história e a (re)afirmar que somos *Paraíba, sim senhor!*

Pensar o trabalho com projetos no ensino de história é possibilitar o trabalho com a interdisciplinaridade, partindo do princípio que integra e articula disciplinas, fazendo com que estas se coloquem na horizontal e diante da prática da reciprocidade. Neste contexto, convém pensar com ALMEIDA (2002, p.58) “[...] que o projeto rompe com as fronteiras disciplinares, tornando-as permeáveis na ação de articular diferentes áreas do conhecimento. Mobilizadas na investigação de problemáticas e situações da realidade.”

Nesta mobilização para investigação de problemáticas da realidade chegamos à temática da história local, tão importante no campo do ensino de história, mas geralmente relegada ao segundo plano, pois a preocupação em vencer os conteúdos do livro didático se coloca como essencial.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental (1997, p.40) já nos advertia sobre esta questão ao afirmar que “A preocupação com os estudos de história local é a de que os alunos ampliem a capacidade de observar o seu entorno para compreensão de relações sociais e econômicas existentes no seu próprio tempo e reconheçam a presença de outros tempos no seu dia-a-dia.”

Neste sentido, quando pensamos o projeto *Não nego minha história: Sou Paraíba, sim senhor!* notamos a importância de trabalharmos a história da Paraíba por esta se fazer presente na realidade vivencial dos alunos, já que estes habitam este espaço. O trabalho com a história local favorece a percepção de que a realidade histórica também é fruto de experiências individuais e coletivas efetivadas pelos alunos. Neste campo de ação, é importante pensar com CAINELLI e SCHMIDT (2009) que:

Atualmente, um dos importantes objetivos do ensino da História é contribuir para que o aluno conheça e aprenda a valorizar o patrimônio histórico de sua localidade, de seu país e do mundo. Assim, alguns trabalhos podem ser desenvolvidos, no sentido de tornar esse conhecimento mais próximo dos interesses e da cultura do aluno. (p.140)

Quando trazemos o conhecimento escolar para mais próximo da realidade vivencial do aluno, a relação ensino-aprendizagem é facilitada e o sucesso escolar torna-se uma realidade acessível ao aluno. Assim como o melhoramento do rendimento escolar, o conhecimento mais próximo dos interesses dos alunos possibilita a diminuição da evasão escolar.

Nesta perspectiva, entre as causas que levam a evasão escolar podemos citar o desencontro entre a escola e o aluno. Na medida em que o diálogo não pode ser estabelecido quando duas pessoas falam línguas diferentes, uma não entendendo a língua da outra, a relação ensino-aprendizagem não pode ser vitoriosa quando ambos os personagens, aluno/escola, aluno/professor, não se comunicam de maneira a um entender o que o outro quer falar.

É neste sentido, que a escola, e os personagens que a compõem devem se esforçar para falar a linguagem do aluno, entender a realidade social e cultural em que ele está inserido, de forma a escolher a melhor metodologia para por em prática a relação ensino-aprendizagem, que como o próprio nome diz é uma relação, uma troca de experiências.

Diante da necessidade de colocar um projeto em prática, uma das partes fundamentais foi pensar como fazê-lo, que metodologias usar. Na concretização das escolhas metodológicas pensamos, num primeiro momento, que caminhos podemos trilhar para alcançarmos os objetivos? Desta maneira, inicialmente propusemos quatro eixos temáticos para que os alunos pudessem fazer sua escolha, pesquisar e realizar seminários: I – Conquista e Fundação da Paraíba, II – Do Litoral ao Interior: Colonização da Paraíba, III – Heranças Culturais; IV – Belezas Paraibanas.

O primeiro grupo, que ficou com o tema *Conquista e Fundação da Paraíba*, usou como suporte o livro *Estudando a História da Paraíba* de GURJÃO e LIMA (2001) para pensar a história oficial da conquista e fundação da Paraíba, além de outras pesquisas para pensar o surgimento dos primeiros núcleos de povoamento e vilas da Paraíba, e ainda trouxe trechos do livro *História da Paraíba em versos* de Luiz Nunes, mais especificamente do folheto I – Conquista, Colonização e Catequese.

Um segundo grupo, que trabalhou o tema *Do Litoral ao Interior: Colonização da Paraíba*, também se baseou no livro *Estudando a História da Paraíba* de GURJÃO e LIMA (2001) para pensar a colonização do litoral com o ciclo da cana-de-açúcar, e do interior com o gado. Durante a exposição do tema, os alunos trabalharam a questão da mão de obra indígena e a escravidão negra. Imagens como desenhos, pinturas e fotografias foram usadas para chamar a atenção da turma para a temática, como podemos perceber nas figuras 1 e 2, propostas a seguir.

Figuras 1 e 2: Fotos do grupo “Do litoral ao interior: Colonização da Paraíba” realizando o seminário.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O terceiro grupo, ao trabalhar o tema *Heranças Culturais*, procurou realizar pesquisas acerca de eixos temáticos: Alimentação, Músicas, Danças, Religiosidades, observando as heranças deixadas pelos indígenas (nativos da Paraíba), africanos, afro-brasileiros e europeus; e ainda procurou pesquisar sobre artistas paraibanos do passado e do presente e seus legados.

Apesar das apresentações terem sido adequadas ao tema proposto, foi na hora do debate que ficou mais interessante, pois os alunos responsáveis pelo seminário ficaram mais a vontade e dispostos a debater com os colegas, demonstrando que a pesquisa e os conhecimentos adquiridos foram além do que eles tinham expressado anteriormente.

O quarto, e, último grupo, ao trabalhar o tema *Belezas Paraibanas* procurou pensar os pontos turísticos da Paraíba. Neste âmbito, foi interessante que para além dos pontos turísticos tão divulgados pelos meios de comunicação como o litoral paraibano, o Vale dos Dinossauros em Sousa, Pai Mateus em Cabaceiras, as Itacoatiaras de Ingá, o patrimônio histórico e cultural de Areia, também trabalhados pelo grupo, os alunos trouxeram outros pontos turísticos de visitaçao da Paraíba como: a Pedra de Santo Antônio em Fagundes, o Rabo do Pavão no Congo, o Memorial a Frei Damião em Guarabira, a Pedra da Boca em Araruna, o Pico do Jabre em Matureia, a Pedra do Cachorro em Queimadas, além da própria cidade, Campina Grande, que se colocava

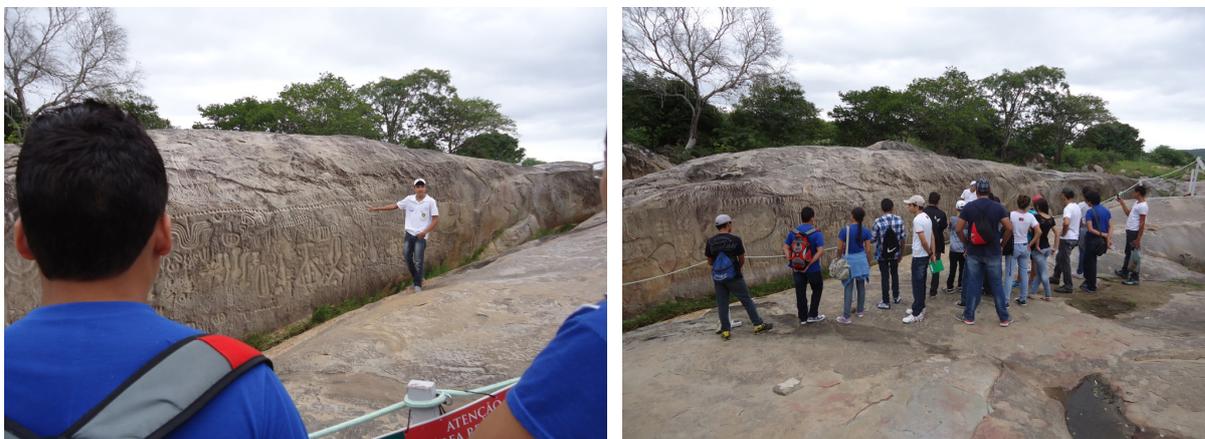
como roteiro turístico geralmente a partir do Maior São João do Mundo, mas que possuía inúmeros pontos importantes de visita.

Em um segundo momento da consolidação do projeto, projetamos uma aula de campo com a turma, com o objetivo dos alunos conhecerem um ponto turístico do Estado da Paraíba. As itacoatieras de Ingá fora o espaço escolhido. Destino turístico de importante referência histórica na/da Paraíba, que nos instigou a pensar muitas possibilidades de vivência dos nativos que habitaram a Paraíba em tempos remotos (segundo pesquisas, há aproximadamente 6.000 anos atrás). Sendo um tesouro arqueológico de nosso estado, cabe a nós enquanto professores incentivar nosso alunado a apreciá-lo de forma a perceber sua importância.

No Museu de História Natural puderam ter mais informações sobre a fauna que habitou a região no período supracitado, podendo ainda apreciar mais de perto réplicas das itacoatieras. Durante a referida visita os alunos observaram as explicações dadas pelo guia que nos auxiliou, exploraram o espaço, fizeram anotações e questionamentos quanto a dúvidas que surgiram. As figuras 3 e 4 nos chama a atenção para os olhares atentos dos nossos alunos diante da itacoatieras.

Figuras 3 e 4: Aula de campo junto as itacoatieras de Ingá – PB.

62



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Quando em discussões posteriores em sala de aula, os alunos avaliaram a viagem (aula de campo), o fizeram de forma positiva, pois quando estudaram a pré-história brasileira usaram somente de imagens do livro didático e da imaginação, e que na referida aula puderam está mais próximos do conhecimento estudado, além de poder perceber que a Paraíba se coloca a partir de belezas únicas.

Ainda fizeram a observação de que a inteligência dos povos que habitaram

a Paraíba era ímpar, pois se achamos que somos mais capacitados do que eles por escrevermos em papel, ou mesmo no computador, observa-se que eles eram mais habilidosos já que deixaram sua história em pedra. A durabilidade do papel pode ser curta, caso ele venha a ser queimado, molhado etc.; a do computador (escrita digital), pode ser mais curta ainda, caso a escrita venha a ser deletada, ou destruída por um vírus; agora a escrita na pedra resiste por longo período, no caso da itacoatiaras de Ingá, ainda estão lá, mesmo diante da chuva, do vento, do sol, e dos mais variados fenômenos naturais que a acometeram.

O terceiro momento do projeto se configurou em oficinas de produção de materiais pedagógicos que foram utilizados em sala de aula, e na realização da Mostra Interdisciplinar da EEEF Reitor Edvaldo do Ó no mês de outubro de 2013. Nesta Mostra Interdisciplinar os alunos tiveram a possibilidade de demonstrar para toda a comunidade escolar os trabalhos realizados, bem como, o conhecimento adquirido. Momento este, de também divulgar para a comunidade escolar um pouco da história e das manifestações culturais da Paraíba.

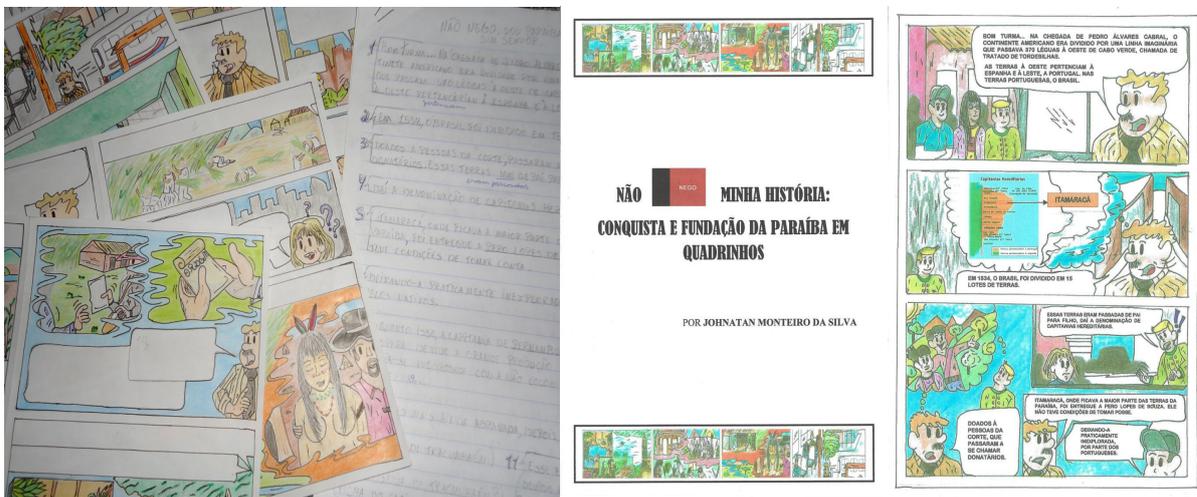
Duas oficinas foram realizadas individualmente. A primeira, com uma aluna que se disponibilizou a atuar como jornalista, quando da necessidade de produzir questões sobre heranças culturais judaicas a serem efetivadas com um professor/pesquisador desta temática, e publicado o resultado da entrevista na Gazeta REÓ: Heranças Culturais, que além desta entrevista contou com abordagens de outras temáticas, sempre na perspectiva das heranças culturais, como podemos perceber nas figuras 5 e 6.

Figuras 5 e 6: Capa e segunda página da Gazeta REÓ.



A segunda oficina realizada de forma individual fora com um aluno, quando este se dispôs a revelar sua arte de desenhar na construção de um quadrinho sobre a Conquista e a Fundação da Paraíba. Esta oficina foi realizada em diversas etapas, e requereu trabalho árduo principalmente por parte do aluno, tanto no que concerne a produção dos desenhos, quando a pesquisa e a construção do texto a ser inserido nos quadrinhos. A professora de Língua Portuguesa foi nossa colaboradora na produção da oficina, já que a mesma realizou a revisão ortográfica, além do apoio cotidiano. Todas as dificuldades enfrentadas e superadas durante a produção do quadrinho valeram a pena, pois o resultado final fora um produto de qualidade, como podemos observar nas figuras 7, 8 e 9.

Figura 7: Elaboração do quadrinho. Figuras 8 e 9: Versão final do quadrinho.



64

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A emoção presente nesta etapa do projeto foi única. Durante a realização da Mostra Interdisciplinar, um aluno de outra turma veio em busca da história em quadrinho produzida pelo aluno Johnatan Monteiro, dizendo: "Professora, eu queria o gibi de Johnatan", com a mesma ênfase como se estivesse solicitando um gibi de Maurício de Sousa, por exemplo. O reconhecimento alimenta a prática de trabalhar com projetos. As sensibilidades presentes no cotidiano de trabalhos como este nos fazem acreditar na educação, e a cada dia ter novas forças para prosseguir na nossa jornada, enquanto educadora.

Além destas oficinas individuais, foram realizadas outras, agora de forma a fazer uso do trabalho em equipe, favorecendo a coletividade, a cooperação e o entrosamento entre os sujeitos envolvidos no projeto. Uma das oficinas grupais fora para esquematizar duas maquetes, fruto da temática *Do Litoral ao Interior: Colonização*

da Paraíba. Usando materiais recicláveis, bem como, outros materiais disponíveis no cotidiano familiar e/ou escolar, os alunos buscaram transmitir a história da colonização da Paraíba pela sensibilidade do olhar, como podemos vislumbrar nas figuras 10 e 11.

Figuras 10 e 11: Maquetes sobre a colonização da Paraíba: O engenho e a fazenda de gado.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As maquetes ilustradas nas figuras 10 e 11 possibilitaram aos alunos que as confeccionaram, bem como, aos visitantes da Mostra Interdisciplinar, pensar a colonização da Paraíba tanto pelo espaço do engenho, quanto pela pecuária. Deste modo, convém pensar com AMORIM (2001, p.58) que:

Foi o boi que representou um significativo elemento de penetração, conquista e povoamento do interior. [...]

Na primeira fase, nas décadas iniciais da colonização, o gado e o engenho formavam uma só unidade e ambos pertenciam ao mesmo dono – assim, o curral era o quintal do engenho; nesta fase, o gado servia de força de tração, e alimentação no engenho;

Na segunda fase, houve necessidade de mais terras para lavoura canavieira. Esta, foi expulsando a boiada dos limites das áreas agrícolas. As duas atividades se separam, mas continuam pertencendo ao mesmo senhor;

Finalmente, na terceira fase, as duas atividades: gado/lavoura se separam completamente. A pecuária vai penetrar nos sertões paraibanos, quando há um grande aumento dos rebanhos e a necessidade de amplas pastagens. Daí, o dono do engenho não é mais o mesmo dono do gado e as ligações entre o chamado sertão pastoril e o litoral agrícola, tornam-se, apenas, periódicas.

O povoamento através da pecuária, do gado, se configura em uma história que é mais próxima da realidade dos alunos da EEEF Reitor Edvaldo do Ó, na medida em

que Campina Grande tem uma maior proximidade com esse momento da história do que com as vivências nos engenhos de cana-de-açúcar.

Já, ao pensarmos o tema Belezas Paraibanas, produzimos nas oficinas um folheto/folder com imagens de pontos turísticos da Paraíba, onde os alunos realizaram a pesquisa e depois montaram o folheto/folder com as imagens, os nomes dos pontos turísticos e o município aos quais pertencem. Além da pesquisa para o folder, realizaram uma pesquisa de imagens dos 223 municípios da Paraíba para montagem de um painel no dia da Mostra Interdisciplinar.

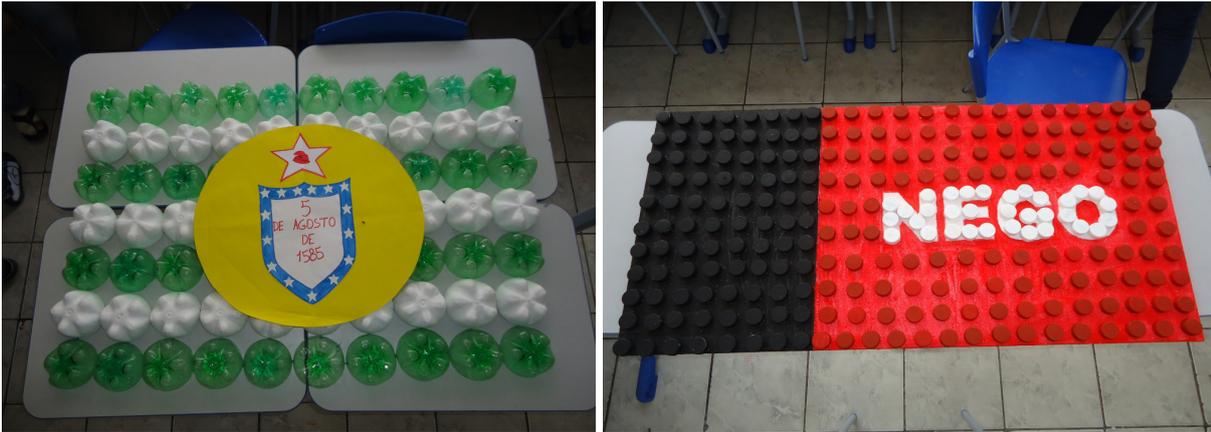
Estas pesquisas possibilitaram aos alunos conhecerem melhor o Estado em que residem, já que a maioria não tinha conhecimento da existência de determinados municípios/cidades, além de divulgar posteriormente os conhecimentos adquiridos. Neste contexto, os alunos me chamaram a atenção para o fato de que durante a realização da pesquisa no *google imagens*, as fotografias recorrentes em todos os municípios pesquisados fora de violência, casos de acidentes, onde o sangue se colocava como destaque.

Neste âmbito, fizemos uma reflexão acerca de ser recorrente na mídia e nas redes sociais na atualidade imagens de sofrimento humano, onde mesmo sem autorização, as pessoas postam imagens de pessoas mortas, de acidentes, sem se preocuparem com a dor e o sofrimento que os familiares estão vivenciando.

66

Para além deste momento, produzimos em outras oficinas as duas bandeiras da Paraíba, a primeira e a atual, utilizando material reciclável, mais especificamente garrafas pets. Na primeira bandeira (figura 12), utilizamos fundos de garrafas pets verde e transparente, onde as transparente foram pintadas com tinta branca. Na confecção da segunda bandeira (figura 13), a que temos como símbolo atual de nosso Estado, fizemos uso de tampas de garrafas pets. No que se refere à coleta do material para a confecção das bandeiras, toda a turma do 8º ano A participou, já que a referida turma também se encontrava envolvida em um projeto da escola que envolvia coleta seletiva.

Figuras 12 e 13: Bandeiras da Paraíba produzidas com material reciclável.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Um dos objetivos da prática de reutilização de matérias se consolidou a partir da busca de ações de sustentabilidade na escola, na medida em que, ao fazermos uso da reciclagem na produção de material pedagógico para escola, tornamos nossos alunos conscientes das suas responsabilidades enquanto consumidores e/ou defensores do meio ambiente.

Na produção de todas estas oficinas, foi interessante observar que laços de amizade foram fortificados entre os participantes, favorecendo o entrosamento entre os grupos, o desejo de conhecimento foi incentivado, além da revelação de talentos. Talentos estes, muitas vezes, escondidos por falta de oportunidade, ou por medo de se revelar para o outro. Uma família foi construída no apoio e na busca de um só objetivo. Nisso, compartilhamos com FREIRE (2002) quando nos chama a atenção para o fato de que:

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente [...] O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (p.127-128)

Falar com o aluno de igual para igual, percebendo suas necessidades, reconhecendo sua capacidade, observando seus limites, admirando seu talento, estabelecendo afetividades faz com que ele se sinta participante do processo ensino-aprendizagem, e conseqüentemente, corresponda, ou supere as expectativas do educador. Somente quem escuta com sabedoria, produz a capacidade de ser ouvido e as palavras pronunciadas serem acolhidas.

Quando projetamos algo, fazemos uso de ideias, fundamentações, metodologias,

expectativas que podem ser postas em prática ou não, durante a efetivação do projeto. No momento que para realização de um projeto necessitamos do trabalho e de talentos de outras pessoas, algumas vezes nossas expectativas podem ser frustradas e/ou superadas. No caso específico deste projeto, o ânimo e a alegria de ser educadora se fez presente na superação das expectativas, quando vi esse projeto ganhar cor, e ser colorido pelos talentos dos alunos.

E, foi justamente, por sentir tal alegria, que vos apresento este artigo, que buscou pensar História e Educação a partir da narrativa de práticas educativas fruto das sensibilidades produzidas pelos sujeitos que encenaram reflexões sobre história local, história da Paraíba, sobre sua história.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, M.E.B. de. Como se trabalha com projetos (Entrevista). **Revista TV ESCOLA**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, nº 22, março/abril, 2002.
- ALVES, Luiz Nunes. **História da Paraíba em verso**. João Pessoa: UNIPÊ Editora, 2001.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na história: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (coord.). **História: ensino fundamental**. Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 24 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- GURJÃO, Eliete de Queiroz; LIMA, Damião de. (orgs.) **Estudando a História da Paraíba**. Campina Grande: EDUEP, 2001.